



FOLHA DOMINICAL

Domingo VI da Páscoa

Primeira Leitura (Atos 10, 25-26.34-35.44-48)

Naqueles dias, Pedro chegou a casa de Cornélio. Este veio-lhe ao encontro e prostrou-se a seus pés. Mas Pedro levantou-o, dizendo: «Levanta-te, que eu também sou um simples homem». Pedro disse-lhe ainda: «Na verdade, eu reconheço que Deus não faz aceção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça é-Lhe agradável». Ainda Pedro falava, quando o Espírito desceu sobre todos os que estavam a ouvir a palavra. E todos os fiéis convertidos do judaísmo, que tinham vindo com Pedro, ficaram maravilhados ao verem que o Espírito Santo se difundia também sobre os gentios, pois ouviam-nos falar em diversas línguas e glorificar a Deus. Pedro então declarou: «Poderá alguém recusar a água do Batismo aos que receberam o Espírito Santo, como nós?». E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, pediram-Lhe que ficasse alguns dias com eles.

A primeira leitura faz parte do relato da conversão do centurião romano Cornélio, o primeiro gentio convertido ao cristianismo de acordo com o livro dos Atos. A narrativa tem como objetivo mostrar que Pedro, como líder da comunidade de Jerusalém que continua a missão de Jesus, valida com o seu exemplo o acesso dos gentios à fé em Jesus Cristo e a sua entrada na comunidade. Pedro chega à casa de Cornélio, que o recebe à porta ciente da proibição dos judeus de entrar em casa de um pagão. No entanto, Pedro, simbolicamente, entra e mostra uma primeira superação da lei que proibia isso. Pedro justifica a transgressão afirmando que Deus não exclui ninguém por motivos religiosos. Pedro invalida assim as normas de separação entre judeus e pagãos. A confirmação das ações de Pedro é expressa na narrativa com a descida do Espírito Santo sobre todos os que estão na casa de Cornélio. É um novo Pentecostes, mas que, neste caso, tem um carácter universal. Deste modo, confirma-se que a salvação não tem fronteiras, e Pedro reconhece isso batizando Cornélio e todos os que estão em sua casa. O Salmo 97 proclama de forma profética a revelação da salvação do Senhor a todas as nações, ultrapassando as fronteiras de Israel.

Segunda Leitura (1 Jo 4, 7-10)

Caríssimos: Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Assim se manifestou o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.

O texto desenvolve algumas implicações derivadas da afirmação de que Deus é amor. O autor da carta tem como pano de fundo as controvérsias com aqueles que, nas comunidades joaninas, negavam a humanidade de Jesus e valorizavam o conhecimento acima do amor. Parte do pressuposto da experiência do amor de Deus, em quem ele situa a origem e o objetivo de todo amor, chegando a afirmar que amar é conhecer a Deus. Ele revelou-se amando; assim, não amar implica não O conhecer. O autor usa o termo grego "agape" para se referir a esse amor, que destaca a dimensão de entrega e doação gratuita. Este amor é considerado a essência divina, e o Pai tornou-o conhecido entregando o seu Filho. O mistério de Cristo na sua totalidade expressa que o amor de Deus tornou-se história e é real, dinâmico e vital. Amor e vida em plenitude são configurados como a essência da revelação de Deus em Jesus. Viver no amor é testemunhar este amor de Deus e garantia de uma vida plena. O amor por excelência é aquele que Deus mostrou e manifestou na entrega de seu Filho. Um amor oblativo, salvífico e desinteressado; um amor que contém em si a força salvadora que liberta do pecado e restaura a relação com Deus.

Evangelho (Jo 15, 9-17)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa. É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai. Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e destinei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça. E assim, tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros».

O significado de "permanecer" em Jesus é interpretado aqui a partir do mandamento do amor, após ter sido exposto de forma alegórica através da metáfora da videira e dos ramos (João 15,1-8). Começa por fundamentar-se o amor de Cristo por aqueles que são seus no mesmo amor do Pai por Ele, e estabelecendo a capacidade de permanecer nesse amor na observância dos mandamentos. Estes mandamentos são resumidos num único mandamento: a exigência de amor mútuo. É indicado como esse amor deve ser orientado: como Jesus amou os seus. Permanecer nele, portanto, não é ser fiel a um valor ético específico, mas fundar a existência no amor que Cristo mostrou, sendo este amor uma manifestação da própria obra de Deus. A exigência de amor mútuo também está relacionada com a morte de Cristo, explicando assim em que consiste: entregar a vida sem restrições. Isto foi realizado de forma exemplar por Cristo na cruz e, por isso, a sua morte é entendida como um ato de amor para com os seus. A Sua morte é interpretada como um presente fecundo, que convida e permite aos crentes colocarem a sua existência na mesma perspectiva. A vida neste amor recebido permite uma mudança de status: de servo para amigo, uma amizade que conduz à liberdade. Esta liberdade que caracteriza a fé não é apresentada como uma conquista do crente, mas como um presente. Constitui-se no espaço onde pode dar frutos duradouros, desde que permaneça na atitude do orante que confia em receber de Deus, a cada dia, o que necessita.

Deus nas letras humanas

As mães sobem uma escada até ao céu,
sobem e descem a escada longa dos filhos;
as mães olham para cima, firmam as mãos na escada
e pensam com os olhos. Ficam de pé —morrem de pé
se for preciso— a pensar as estrelas. Cada uma delas
é um pulmão jovem, um alvéolo inviolável.

As mães crescem com os anos, tornam-se ramos
a baloiçar na escada: são perenes, persistentes
e mansas. As mães abrigam os pássaros no olhar,
tomam-nos nas mãos como oferta sagrada
e soltam-nos do alto da escada: voam, voam,
crescem contra as nuvens e são água, espuma,
exílio azul. Os filhos são os olhos das mães, aflitos
e saudáveis, à espera que floresça a flor fria
da amendoeira. Olhos que partem para regressar a si.

mãe. E leva os filhos nos olhos como se os levasse pela mão

Nuno Higino

Avisos Paroquiais | 05 a 12 de maio

05 | VI Domingo de Páscoa | Dia da mãe

Bênção das grávidas | 11:00

06 | Outras leituras | 21:30

07 | Reunião com todos os colaboradores no acolhimento na Igreja e nas capelas | 21:30

Rito da bênção e envio dos peregrinos | 23:00

08 | Recolecção com o Evangelho, Silvalde | 21:30

09 | Reunião do Conselho económico | 21:30

10 | Encontro com a Pastoral familiar, Silvalde | 21:30

12 | Festa da Ascensão do Senhor

Celebração da Profissão de Fé | 11:00

Celebração da Primeira Comunhão | 16:00

17 | Encontro dos crismados com D. Roberto, Bispo auxiliar do Porto | 21:30

18 | Vigília de Pentecostes | 21:30

19 | Celebração do sacramento da crisma | 11:00

25 | Sarau cultural | Casino de Espinho | Angariação de fundos para a Guiné | 21:30